

## O HOMEM E O CARNAVAL

Lourildo Costa

Conto

Era bem de manhãzinha. As pessoas ainda dormiam dentro de suas casas, enquanto os primeiros ônibus vomitavam foliões que chegavam fatigados por virarem a noite nas folias do carnaval. Olhos modorrentos estampavam os rostos bem poucos aformoseados da gente que passou a noite na farra e na folia. Eram caras cobertas pelos véus da licenciosidade e da pândega. Os passageiros desciam ziguezagueantemente à procura de abrigo. Será que alguns lembrariam da casa que deixaram na noite anterior, do filho carente de pão e da mulher que necessita de carinho?

Os veículos de comunicação de massa já traziam as primeiras notícias que precederam aquela quarta-feira de cinzas. A vida carnavalesca é cheia de diversões, de folias e de folguedos. Todavia, depois da festança, aparecem as prestações atrasadas e o mingüado salário que ficou reduzido a quase nada durante as noites de folgança ruidosa. Muitos, talvez, não conciliassem o sono, devido os gritos da mulher que clamava por um pedaço de pão para o filho faminto. O homem, ainda em estado de sonolência, colocaria a culpa na inflação que corrói as economias de cada dia. A mulher acabaria concordando com o marido recém chegado da farra, mesmo estando aborrecida, mas aceitaria o argumento de que o custo altíssimo era o vilão da vida desafortunada - só para não discordar do marido. Não percebiam que o viver se tornava mais tristonho, após cada carnaval.

Era bem de manhãzinha. Entre os transeuntes enfadados de sono, vi descer um homem que muito mal se aguentava sobre o próprio corpo. A fantasia parecia-lhe um fardo, de tão incômoda. O

A V L  
Academia Volta-redondense de Letras

---

que deveria passar em sua memória? Talvez ainda pudesse ouvir o rumor de muitas vozes, como as vozes de uma grande multidão neurastênica; gente cantando e gritando, muita gente pulando atrás de uma máscara. Também guardava na memória os sorrisos artificiais do coletivo de pessoas eufóricas e suadas de tanto pular. As vozes em tom excessivamente alto agora doíam em seus ouvidos, lágrimas rolavam nas faces ao ritmo do samba. Muitos batiam os pés, outros balanceavam o corpo, outros sacudiam as mãos. No meio daquele turbilhão de pessoas que dançavam redemoinando o homem via a si mesmo, extraordinariamente se divertindo, diante das mulatas seminuas que arfavam os peitos seminus à sua frente. Elas pareciam rir tanto que os seus seios cresciam imperceptivelmente com o fluir e o refluir da respiração. Três dias e três noites foram suficientes para esquecer a mulher que reclamava copiosamente, o filho já doente por causa da fome. Pelo menos, durante o carnaval, poderia gritar e dar altas gargalhadas e ninguém se importaria com isso.

Era bem de manhãzinha e uma tonalidade pouco fúlgida ameaçava misturar-se aos fantoches ambulantes que caminhavam pela avenida. Os fantoches, pelo menos, são versáteis e espontâneos, ao contrário dos seres mortos vivos que caminhavam em direção à suas casas. O mundo parecia-lhes pequeno, diante do oceano de problemas que se transformaram num enorme salão de pandemônios. Milhares de pessoas estão voltando dessa festa. Alguns se fantasiaram de presidentes e houve até quem se vestisse de ministro do carnaval. Era bem de manhãzinha e vi descer aquele homem ziguezagueante que carregava uma taça quebrada em uma das mãos. Parei, por um instante, para fitá-lo até desaparecer na última esquina. Quantos, na mesma situação, dobrariam aquele canto do cruzamento da avenida como fuga da tétrica realidade. Ao tentarem conciliar o sono, ouviriam apenas as vozes grugulejantes de uma criança e irritadiça de uma mulher rixosa.

A V L

Academia Volta-redondense de Letras

---